

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVI



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2018.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLVI

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/00000>

Mandela e a igual dignidade dos Homens

ADRIANO MOREIRA[†]

Quando falamos de “santidade”, no âmbito de uma tradição religiosa, temos a tendência para consagrar o sentido da palavra ao conjunto daqueles que reconhecidamente, pelas instâncias competentes, se dedicaram “exclusivamente à oração”, tendo um comportamento de autenticidade da relação dela com a intervenção no mundo em que lhes aconteceu viver. De facto, aquilo que reconhecidamente necessitamos hoje, perante a falta de governança do que chamamos globalismo, e do encontro inevitável de todas as etnias, culturas, crenças, e falta destas, é que tal virtude, no dizer do Dalai Lama, é mais necessária do que apenas a prática reconhecida pelas “religiões tradicionais”. Para tentar manter o tema com uma dimensão que ultrapassa o âmbito da doutrina e da ação católica, começarei por recordar palavras do lembrado Dalai Lama, que me levaram a juntar os nomes de Mandela, do Mahatma Gandhi, e em nossos dias mais recentes, de Luther King, o último assassinado ao pregar o seu *I Have a Dream*, o penúltimo assassinado quando e porque pregava a união da igualdade entre hindus e muçulmanos na Grande Índia, e Mandela dando o exemplo de pregar e praticar a igual dignidade dos homens, com o perdão íntimo de todas as amarguras que sofrera pela vigência do regime que se chamou *apartheid* na África do Sul. Serão certamente inspiradoras de meditação estas palavras de Dalai Lama, que há anos tive a honra de apresentar no auditório da Reitoria da Universidade de Lisboa, e que retiro da entrevista que concedeu a Franz Alt, publicada com o título *Um Apelo ao Mundo* (20 | 20 Editora, 2018) e que são os seguintes:

O Mahatma Gandhi era um homem profundamente religioso, mas também tinha uma mente secular. Nas suas sessões diárias de oração liam-se e cantavam-se textos de todas as grandes religiões e fontes de saber. Gandhi era um grande amigo de Jesus e do pacifismo que revelou no Sermão da Montanha. É o meu modelo porque incorporou essencialmente a tolerância religiosa. Esta tolerância possui raízes ancestrais na Índia. A Índia alberga hindus, muçulmanos, cristãos,

sikhs, jainistas, budistas, zoroastrianos, agnósticos, e ateus, e vivem juntos pacificamente — com poucas exceções.

É por isso que não são inoportunas, e exclusivamente inspiradas pela fé católica de que é Papa, estas palavras do Francisco, Bispo de Roma, recolhidas por Paulo Neves da Silva¹:

Não são as coisas exteriores que nos fazem santos ou não santos, mas é o coração que expressa as nossas intenções, as nossas escolhas, as atitudes exteriores são a consequência do que decidimos no coração, mas não o contrário... A fronteira entre o bem e o mal não passa fora de nós, mas sim, dentro de nós.

Não obstante tal doutrina ter herdado o legado da chamada Doutrina Ibérica da Paz, resultante do ensino das Universidades de Coimbra, de Évora, de Salamanca, o contexto das etnias e culturas diferentes produziu uma teoria de *mitos raciais*, que certamente tiveram mais de uma manifestação da relação de subordinação que na expressão mais severa foi a *escravatura*, praticada por europeus, africanos, orientais, este ajudando a construir, sob a direção dos Brancos, o que são hoje os EUA, que se povoaram de emigrantes europeus depois de extinguirem os nativos em que avultava a grande Nação dos Iroqueses, e a escravatura que exigiu uma guerra civil para ser extinta, e mais tempo para terminar com a discriminação de que foi vítima o também santo Luther King. Tais mitos raciais, que incluíram os mitos dos negros, dos mestiços, dos judeus, dos arianos, têm relevo nas memórias dos vivos no exercício brutal do nazismo, que tornou esdrúxula a tradição antiga da própria Europa, mas sobretudo na África e, nesta, pelo regime do *apartheid* que Mandela teve de enfrentar. A superioridade que os brancos se atribuíam tem não apenas, neste caso, motivações económicas, mas é menos explicável que os atingidos pelos mitos de superioridade branca tenham em muitas regiões considerado que tal cor era preferível à sua. Recentemente, Martin Jacques, "*visiting fellow at the London School of Economics*", dedicou parte das suas longas investigações à busca das razões pelas quais as tendências ocidentais da moda, do vestuário, da estética feminina sejam facilmente adotadas pelas regiões que foram colonizadas pelos ocidentais, procurando aproximar a cor das peles diversas, das técnicas embelezadoras das mulheres brancas².

¹ *Papa Francisco, Frases e Reflexões*, 20 | 20 Editora, Lisboa, 2017.

² Martin Jacques, *Quando a China Mandar no Mundo*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2012.

Trata-se de um escritor que evidentemente não dá apoio a nenhum mito racial, mas este tema passou a ter interesse quando os europeus tendem para ser uma minoria nesta “terra casa comum dos homens” se a demografia continuar no sentido atual. É a destes homens, aos quais atribuo santidade, que também me parece existir nos líderes europeus que procuraram, depois de viver a guerra de 1939–1945, organizar a Europa e o Ocidente sob o sonho de “nunca mais”. Mas foi esse sonho de “nunca mais” que marcou a intervenção de Mandela no mundo em que lhe aconteceu viver. Membro de uma família nativa, mas da nobreza local, advogado de profissão, começou por se envolver nos movimentos contra a discriminação racial quer na África do Sul, membro da Comunidade Britânica, assumiu a maior gravidade, num território com grande tradição de nacionalismo de brancos, como já notei há anos, até contra a Inglaterra considerada potência conquistadora de um território já então dominado por brancos. O artigo XI do Estatuto do Herenigda Nazionale Partis declara o seguinte:

O partido considera-se o mandatário cristão da raça europeia e faz desta princípio da sua política, em face das raças não europeias. De acordo com este princípio, dará às raças não europeias a oportunidade de se desenvolverem no seu próprio território segundo as suas aptidões e capacidades naturais e assegurar-lhes um tratamento razoável e justo por parte da administração do país, mas é absolutamente oposto a qualquer mistura de raças europeias e não europeias.

O partido declara-se ainda a favor da separação territorial e política dos indígenas, assim como da separação dos europeus e dos não europeus em geral no domínio residencial e, quanto possível, no domínio industrial. Propondo, por outro lado, proteger todos os grupos de população contra a imigração e contra a concorrência asiática, entre outras, impedindo novas intervenções e aplicando um plano prático de “segregação asiática”. Pretendeu assim que “o *apartheid*” é a garantia da paz racial, indo ao ponto de assegurar que a sua política nascera da experiência da população estabelecida no país, e que era fundada sobre os princípios cristãos da justiça e da equidade:

ela tem por objetivo a manutenção e a proteção da população branca do nosso país enquanto raça branca pura, a movimentação e a proteção dos grupos raciais indígenas enquanto entidades nacionais separadas, tendo a possibilidade de se desenvolverem nos limites do seu setor em sociedades nacionais independentes, e o encorajamento da fidelidade nacional, do respeito mutuo no seio das diversas raças do país...

Em suma, a subordinação perpétua. Foi aqui que Gandhi teve a primeira experiência do que era a subordinação racial-colonial, e não posso deixar de recordar uma experiência pessoal³. Quando, nas funções de Ministro do Ultramar, visitei Moçambique, existia a prática diplomática de o Ministro Português fazer uma visita de cortesia ao Governo da África do Sul. Tinha já revogado o Estatuto dos Indígenas. Recebi a visita do Embaixador da África do Sul em Lisboa, pedindo-me que omitisse a visita: e isto porque a revogação do estatuto dos indígenas arriscava uma revolta da população muita dela emigrante de Moçambique, mas a trabalhar desumanamente nas minas. Respondi-lhe que esperava, deixando uma nota escrita no arquivo do português Ministério do Ultramar, que nenhum futuro Ministro português visitasse por cortesia a África do Sul enquanto vigorasse o regime do *Apartheid*. Anos antes, em visita apenas de estudo, acompanhado pelo meu discípulo, amigo, e futuro colaborador, Vicente Loff, tinha visto o espetáculo dos bancos separados, das entradas para a estação do Caminho-de-ferro separadas, da numerosa mão-de-obra negra que de manhã entrava na cidade para os serviços indispensáveis, mas modestos, a saída ao fim da tarde para os seus serviços específicos. Também assisti ao espancamento de um negro pelo dono de uma pastelaria, onde tomamos o pequeno-almoço, porque, fascinado pela exposição dos bolos na montra, se distraíra a dar um passo dentro do estabelecimento. Mas a recordação mais viva que tenho, foi a de, quando pisando o Adamastor, vendo a linha de encontro do Atlântico com o Índico, pude ver a Ilha e cadeia onde Mandela passou toda a juventude, pregando muitas vezes pelo silêncio, sempre pelo exemplo, e progressivamente pela santidade. Vencedor da luta política, sempre orientado pelo espírito de santidade, afastado da família, dos filhos, do mundo, saiu da cadeia proclamando: somos todos sul-africanos. Os EUA tiveram de esperar por Obama para terem um chefe de Estado negro a proclamar: somos todos americanos. É notável, e talvez único em relação à ação não triunfadora de Gandhi, a Política de Perdão e Reconciliação que desenvolveu. Como notou o seu biógrafo Anthony Sampson⁴,

³ Moreira, A., *Política Ultramarina*, Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1961.

⁴ Sampson, A., *Mandela*, Harper Collins Publishers, Harper Collins, Londres, 1999.

certamente o testemunho de Mandela revela um profundo político muito além do antes sonhado. Sob a pressão da sua apreciação e a triunfadora tempestade política, ele respondeu ao desafio com total contento.

Nunca esquecendo a sua aristocrática ascendência, tendo sido preso depois de conhecer e se comprometer com os guerrilheiros, ao tomar o poder, em 1994, lidou tranquilo com a frieza de Klerk que vencera, visitou, honrando, a estátua de Hendrik Verwoerd e a sua viúva, visitou o Presidente P. W. Botha que o tinha mantido décadas na prisão, não lhe escapou festejar o triunfo de Springbok, clube de brancos, no desafio de rugby para a Copa Mundial, tratou humanamente a sua ex-mulher Winie, conviveu com Clinton como amigo, fez a sua visita de Estado, cordialmente, à Rainha de Inglaterra, e reconstituíra a sua humana sentimental idade casando com Graça Machel, e deixando com grandeza o poder como presidente do ANC, em Dezembro de 1997, a Thabo Mbeki. Nas suas três décadas de prisão, a santidade marcou a conduta do estadista quando, em 29 de março de 1999 fez o discurso de adeus no Parlamento, definindo a sua geração como “uma para a qual a realização da democracia era o desafio definidor”; e o seu considerado mais acérrimo crítico, Constand Viljoen, no Freedom Front, viu-o como um líder, como Gandhi ou Dalai Lama, “nascido com uma espécie de carisma que parece transcender os políticos desse tempo”. Finalmente parece-me oportuno ler parcela significativa do livro de memórias de Zelda Grange, uma jovem branca, educada em família partidária do *Apartheid*, e que, feita secretária de Mandela se converteu ao seu extraordinário fascínio, e escreveu o seguinte depois da sua morte:

Quando voltei de carro de Qunu para Umtata, já depois das 10 da noite, uma Lua maravilhosamente bela ergueu-se por cima das colinas de Umtata. A Lua cor de laranja mais brilhante que vi na vida. Dei-me conta de que naquele momento era apenas uma rapariga africânder a conduzir o seu carro de Qunu para Umtata sozinha. Madiba teria insistido que um agente me acompanhasse, preocupado como andava sempre com a minha segurança. Pensar nisso fez-me sorrir. Mas continuei de olho na Lua e constatei que ele tinha eliminado todo o medo que havia em mim. Eu tinha finalmente crescido. Há 20 anos seria incapaz de percorrer aquela estrada sozinha a meio da noite. Mas o Transkei, como antigamente lhe chamavam, infiltra-se em nós. Passa a fazer parte de nós. Há 20 anos tinha medo de tanta coisa — da vida, de negros, daquele negro e do futuro da

África do Sul — e agora já não me deixava convencer nem influenciar pelas ideias de medo dominantes. Era a minha própria pessoa. Madiba dera-me paz e também liberdade. Livrara-me dos grilhões dos meus próprios medos. Ele tinha libertado o negro, mas o branco também. Sentia-me leve, livre e agradecida por ter tido por professor Nelson Mandela. Sofrera muito com a perda dele, mas ganhara igualmente muito e conduzi até Umtata a conversar com ele e a olhar para a Lua brilhante.”

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO COLÓQUIO DE HOMENAGEM A NELSON MANDELA
NA SESSÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 2018)